



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE MÚSICA
LICENCIATURA EM MÚSICA

**APRENDENDO MÚSICA FAZENDO MÚSICA. RODA DE CONVERSA COM
PARTICIPANTES DO “CANTO COLETIVO IMPROVISADO”
(*CIRCLESONGS*)**

Geovane Oliveira Santos

BRASÍLIA
2017

GEOVANE OLIVEIRA SANTOS

**APRENDENDO MÚSICA FAZENDO MÚSICA. RODA DE CONVERSA COM
PARTICIPANTES DO “CANTO COLETIVO IMPROVISADO”
(CIRCLESONGS)**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Música do Departamento de Música da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Música. Orientadora: Prof.^a Ma.Uliana Dias Campos Ferlim

BRASÍLIA
2017



Universidade de Brasília

Instituto de Artes
Departamento de Música

ATA DE DEFESA DE TCC

Geovane Oliveira Santos

"Aprendendo música fazendo música.Roda de conversa com participantes do canto coletivo improvisado"

Trabalho de Conclusão de Curso defendido no Departamento de Música, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Música sob a orientação da Professora Uliana Dias Campos Ferlim, segundo o Ato 39/2017 do dia 30 de novembro de 2017, que nomeou banca de avaliação.

Brasília, 07 de dezembro de 2017.

Uliana Dias Campos Ferlim

Alexei Alves de Queiroz

Delmary Vasconcelos de Abreu

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Sa SANTOS, GEOVANE OLIVEIRA
APRENDENDO MÚSICA FAZENDO MÚSICA. RODA DE CONVERSA COM PARTICIPANTES DO "CANTO COLETIVO IMPROVISADO" / GEOVANE OLIVEIRA SANTOS; orientador ULIANA DIAS CAMPOS FERLIM ; co orientador DELMARY VASCONCELOS DE ABREU. -- Brasília, 2017. 36 p.

Monografia (Graduação - MÚSICA - LICENCIATURA) --
Universidade de Brasília, 2017.

1. MÚSICA. 2. CANTO COLETIVO. 3. CANTO. 4. IMPROVISAZÃO .
5. CIRCLESONGS. I. CAMPOS FERLIM , ULIANA DIAS , orient.
II. ABREU, DELMARY VASCONCELOS DE , co-orient. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus e a todos aqueles que de algum modo têm iluminado meu caminho nessa jornada e acreditado em mim, ajudando a enxergar as pedras no caminho e me dando forças para retirá-las.

Quero agradecer também a minha querida orientadora professora Uliana Dias Campos Ferlim, que me guiou e me auxiliou, me deu suporte e acreditou em mim, me levantando a cada momento de desespero, angústia e ansiedade.

As pessoas do grupo “Instrumento Suplementar Canto Popular - Canto coletivo improvisado” que disponibilizaram seu tempo ajudando na entrevista para construção desse trabalho de conclusão de curso.

À minha família, aos meus pais que tanto amo por me darem suporte, carinho, amor e ânimo. Agradeço pelo exemplo de vida para mim e por sempre cuidarem tão bem de mim. Amo vocês. Aos meus amigos e colegas e pessoas próximas de mim que ouviram minhas frustrações e me suportaram nessa fase de choros e incertezas.

Meus sinceros agradecimentos a todos vocês por tudo.

Gratidão.

“Música é uma força que afeta nossa inteligência, nossa expressão emocional, nossa conexão com os outros e nosso espírito”.

Henry Leck e Flossie Jordan (2009)

RESUMO

Este trabalho procura trazer os temas da aprendizagem de música e do canto com uma abordagem de ensino coletivo. Escolheu-se como metodologia de investigação a realização de rodade conversa com participação de estudantes que cursam a disciplina “Instrumento Suplementar Canto Popular” na Universidade de Brasília. Além da observação participante do autor foram realizadas entrevistas com esse grupo de alunos em que as pessoas, praticantes, se voluntariaram e colaboraram com suas experiências e impressões sobre a aprendizagem coletiva e se disponibilizaram respondendo a questões específicas sobre conceitos musicais e aprendizagem. A bibliografia levantada traz uma reflexão sobre a aprendizagem em grupo e como a voz é um campo importante na aprendizagem musical, abrindo espaços para aprendizados de outros conteúdos. Verificar como esses aspectos são identificados nas práticas investigadas deu contorno aos objetivos desse trabalho. Foram encontrados os aspectos da aprendizagem de conceitos musicais na prática ao lado da desinibição ao falar e cantar em público, do trabalho coletivo e do desenvolvimento das relações interpessoais por meio das vivências propostas.

Palavras-chave: canto coletivo, voz, comunidade de prática.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. DIÁLOGOS INICIAIS.....	13
1.1 Canto Coletivo Improvisado: ação de extensão e disciplina da graduação.....	18
1.2 Comunidade de Prática.....	21
2. OBJETIVOS	23
3. RODA DE CONVERSA COM OS PARTICIPANTES	23
3.1 Processo de entrevista com o grupo de canto coletivo	24
4. A RODA DE CONVERSA.....	26
4.1 Os objetivos iniciais dos entrevistados.....	26
4.2 Os conceitos musicais.....	27
4.3 O canto em grupo e coletividade no fazer musical.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
ANEXO	35

INTRODUÇÃO

Desde pequeno, a música sempre esteve presente em vários momentos da minha vida. O primeiro contato musical foi por influência do meu pai que tocava em uma banda de baile e tocava em festas da cidade no interior da Bahia. Quando viemos morar em Brasília, a música ainda continuou presente em casa, mas de outra forma, porque meu pai não mais tocava profissionalmente, era apenas seu hobby. Mesmo assim, a música ficara cada vez mais forte em mim, logo percebi que eu tinha uma vontade muito grande em aprender e entender tudo sobre a música, tanto tocada quanto à teoria que me fascinava.

Meu interesse em aprender música era muito grande. Meu pai me presenteou com um violão de cordas de nylon e, desde então, comecei o meu contato direto com a prática e aprendizagem musical. Eu não me aprofundei no violão, mas aprendi muito com as aulas que tive com meu pai nesse período. A primeira forma de aprendizagem musical que tive foi por tradição oral, que é muito comum em muitos outros assuntos, não sendo uma forma restrita apenas a música. Sobre a tradição oral conforme Molina (2013) “a aprendizagem musical por tradição oral se dá no sentido oposto, ou seja, no contato com o “todo” o aprendiz tenta algum tipo de absorção através da execução de inúmeras canções que vão sendo apreendidas pouco a pouco.”

Justamente observando meu pai tocar, a vontade de aprender foi crescendo ainda mais, ouvindo as músicas que ele tocava e tentando copiar exatamente o que ele fazia tocando e cantando principalmente. A tradição oral é importante, porque traz consigo vários aspectos que de outras formas não seriam tão proveitosos como, por exemplo, o contato direto com o fazer música pela prática sem pensar em tantas regras, a observação que também é essencial na produção musical, Porque além de ser um momento de aprendizagem, é também uma prática de apreciação musical.

Molina ainda diz sobre como a tradição oral possibilita a aprendizagem de muitos outros campos:

“O ponto de partida costuma ser a voz e o ritmo corporalizado, sendo que o fortalecimento das habilidades vocais e instrumentais se dá pela participação direta na música praticada em sua comunidade (festas, cortejos, comemorações religiosas, etc) ou pela prática regular de um instrumento ou canto junto com os fonogramas (via rádio, CDs, internet, etc). Não se trata, nesse caso, de um sistema organizado de

ensino, mas de uma prática que, apesar de aparentemente caótica, tende a “cercar” o objeto de estudo. É por um exercício extensivo às características peculiares de inúmeras canções que se absorve aquilo que justamente seria o campo comum, os padrões musicais básicos e regulares de tal gênero, artista, comunidade, etc. Com essa prática, desenvolvem-se percepções sutis do papel que cada músico deve desempenhar na construção do todo musical, assim como a solidez do pulso e a habilidade para subvertê-lo. (MOLINA,2013,p.91).

Além da música, outros assuntos foram abordados nesse período de aprendizagem por meio da tradição oral. O canto e a percepção corporal caíram como luva, porque juntou a minha vontade de aprender música com o instrumento tocado (violão) e cantado (voz). Depois de estudar violão, resolvi estudar piano, e justamente nas aulas de piano é que o mundo da teoria foi se abrindo para mim. Percebi que a teoria era de suma importância e que não tinha como separar a prática da teoria, porque ambas são aprendizagens na educação musical e caminham juntas.

Estudei canto na *Escola de Música de Brasília* (EMB) e ao mesmo tempo, fui convidado a dar aula na escola que iniciei meus estudos de piano e canto, a *Escola de Música, Dança e Teatro Professor Adilson Menezes*. Nessa escola, as aulas de canto eram coletivas, formadas por um grupo de no máximo 15 pessoas. Nas aulas de canto tínhamos técnica vocal em grupo, aquecimento vocal, relaxamento corporal, prática de repertório e teoria musical, mas a teoria era bem por alto, nada tão aprofundado, porque o objetivo da aula era o canto e não a teoria.

Eu sentia a necessidade de aprender teoria musical também e me aprofundar mais em algum instrumento. Passei pelo violão e piano, mas foi no canto que eu percebi que tinha uma fascinação maior, foi o instrumento que mais me cativou na produção musical, justamente por ser meu próprio corpo produzindo música. Nessa mesma escola que dei aula a Escola de Música, Dança e Teatro Professor Adilson Menezes, eu fui responsável pelas turmas de canto coletivo e pela regência de um coral, o coral municipal da cidade que eu morava. Observando as aulas de canto coletivo nessa escola, pude notar que muitos queriam entender teoria musical, assim como eu tive vontade no início dos estudos, mas os alunos da turma de canto achavam a teoria musical muito complexa e acabavam por desistir de aprender sobre teoria.

Nesse período de faculdade, muitos questionamentos foram surgindo e pude me deparar com uma questão que me fez pensar um pouco sobre: quais conceitos musicais, me referindo a elementos além do canto, os participantes de grupos vocais têm aprendido? Pergunto-me isso, porque em todo esse período de faculdade e trabalhos ligados diretamente com a voz, pude perceber que nos grupos em que trabalhei diretamente com o canto, o foco das pessoas é justamente cantar e aprender sobre música, mas quando os elementos musicais básicos sobre teoria também são abordados, muitos se sentem ansiosos, acham que a teoria musical é impossível de ser aprendida e acabam por não estudarem sobre a estrutura da música.

Acredito que a prática musical em grupo é uma forma de aprendizagem muito significativa concordando assim, com os conceitos de Etienne Wenger e Jane Lave sobre a prática como fundamental para a aprendizagem e o compartilhamento de ideias como meio de circulação de informações. Aprender conceitos musicais, para muitos, tem sido uma experiência extremamente complexa, mas aprender teoria em um grupo em que a prática musical é o intuito e, intrinsecamente, a teoria é abordada, abre portas para possibilidades de apreciação da teoria musical, e com isso, vivencia-se outras possibilidades de aprendizagem, sobre aprender música não só na prática, mas vivenciar a sua estrutura. Penna diz sobre como a notação musical é importante para o registro musical, mas não sendo o essencial para a produção musical:

“... a notação musical é produto de uma abstração, permitindo registrar a estruturação musical, sendo útil para pensar na organização dos sons na sua ausência, mas *não é música, pois esta só se realiza em sua concreticidade sonora, com profunda característica temporal. A música, como fato empírico, só existe enquanto soa. A partitura não soa por si só; ela representa os sons*” (PENNA, 2008, p.61).

Com isso aprender música, falar sobre música e ser músico, para alguns, é sinônimo de saber sobre teoria musical e todos os significados que a notação musical aborda. A teoria é extremamente importante, mas isso não quer dizer que não seja possível executar música e vivenciá-la por não saber sobre a teoria musical. Segundo Goulart:

Muitas pessoas pensam em Educação Musical como sinônimo de Teoria Musical. É fato que o domínio da leitura e da escrita, bem como o conhecimento da terminologia usada na comunicação entre os músicos, são pontos importantes para quem quer explorar mais profundamente o universo da música. Mas são apenas uma parte, que não pode ser confundida com o próprio universo da música. Fazer música é bem mais complexo (e gratificante!) do que ser capaz de ler uma partitura, ou de definir conceitos ligados à musicologia. Fazer música tem a ver com criação, com invenção, com prazer estético. (GOULART, 2000)

A questão da aprendizagem musical na prática relacionado com a aprendizagem da teoria musical é algo tão sério que para Souza “A leitura e escrita musical têm sido usadas muito mais como instrumentos de exclusão”: a idéia de que é preciso ler música para saber música constitui uma representação que tem contribuído para que muitos desistam de aprender música” (SOUZA, 1999, *apud* PENNA p. 72). Sendo assim, não necessariamente quer dizer que precisamos aprender teoria para ser um intérprete da música, podemos ter como exemplo os músicos que tocam de improviso e cantam sem saber nada sobre técnica vocal e teoria musical, possuem ouvido para divisões vocais ou que podem arranjar perfeitamente sem saber nada de teoria. O que quero dizer é que aprender música e poder vivenciá-la por aprendizagem coletiva, especificamente com a voz, é uma possibilidade em práticas coletivas ricas para aprendizagem. E também, pode ser outra perspectiva de aprendizagem da teoria musical, de uma forma simples e direta ou ativa.

Aprender em conjunto, pela prática, é um meio de entender conceitos musicais de uma forma mais ativa. A aprendizagem situada em grupos ocorre justamente quando em comunidades de prática as informações adquiridas ganham sentido na prática e os membros dessa comunidade onde ocorrem as aprendizagens se tornam cada vez mais familiarizados com os conceitos, como exemplo, pode-se destacar a identificação do momento correto de respirar, caso esteja cantando em grupo, entender uma harmonia e poder improvisar vocalmente ou ritmicamente com a ajuda do outro, realizar uma proposta de arranjo vocal, entender as diferenças das vozes e perceber como, juntas, podem contribuir para o aprendizado não só vocal, mas na perspectiva de grupo.

Assim como dito no início, o violão e a voz foram essenciais na minha aprendizagem musical quando criança, o ato de cantar e brincar com os sons e experimentá-los de diversas formas me ajudou a trabalhar a percepção, isso desde as aulas de canto coletivo que fiz no passado, como o canto coral que trabalhei e os corais que participei na vida. Por perceber que a teoria era complexa para algumas pessoas, este trabalho busca juntamente experimentar sobre a perspectiva dos aprendizes o fazer musical e aprender música em conjunto, especificamente com o canto e identificar o que se tem aprendido conceitualmente. Acredito que o canto seja uma ferramenta muito importante para a educação musical tanto de crianças quanto de adultos sendo uma ferramenta de socialização e vivência musical direta.

1. DIÁLOGOS INICIAIS

Procura-se entender e explorar nesse trabalho alguns aspectos sobre o papel da voz como um instrumento facilitador para aprendizagem musical em práticas coletivas. A prática vocal é um dos recursos mais diretos que temos para a produção musical. Se analisarmos pela praticidade: “A voz é o instrumento ideal para musicalização, é um recurso acessível ao fazer musical, porque todos a levam consigo. Assim, a utilização da voz como instrumento de musicalização, na escola, torna-se uma opção muito relevante” (SCHMELING, 2010, p.76).

A voz é uma ferramenta de conscientização corporal, comunicação e expressão, assim como ferramenta para a aprendizagem, musicalização. É fisiologicamente utilizada para a comunicação diária e também para produção artística em geral, explorada pelos profissionais da voz especialmente por cantores, regentes de corais, professores, apresentadores e atores, assim como explorada pelos profissionais que trabalham com a comunicação com muito assiduidade. A conscientização corporal do artista sobre a voz é importantíssima, assim como para aqueles que utilizam a voz como outras formas de expressão e também como um meio de aprendizagem musical, dessa forma acredita-se que o estudo e a exploração da voz devem ser estimulados.

A consciência de que é possível executar música vocal com qualidade deve ser altamente estimulada, pois o ato de cantar está ao alcance de todo ser humano, na medida em que a produção vocal não requer

investimentos além de um corpo saudável e bem educado. (FUCCI AMATO, 2007, p. 85).

Ainda nessa linha de raciocínio sobre a voz como um recurso direto para a musicalização, trazendo a dimensão histórica e de instrumento expressivo “a noção da música como nossa mais antiga forma de expressão, mais antiga do que a linguagem ou a arte; começa com a voz e com a nossa necessidade preponderante de nos dar aos outros” (MENUHIN; DAVIS, 1990, *apud* BRITO 2017 p.129). Desse modo, falar e cantar são habilidades que muitas pessoas são capazes de fazer, obviamente que uns com mais facilidade, e outros com uma dificuldade um pouco maior. Schmeling destaca que as pessoas que querem cantar não buscam apenas cantar, buscam sentir prazer no que fazem, mesmo que seja um hobby, podendo assim, expressar-se artisticamente através do canto. (SCHMELING, 2010). A prática vocal de grupos, como grupos corais e qualquer outro tipo de conjunto vocal, contribui não apenas para a descoberta vocal, mas também para a conscientização do próprio corpo, socialização e trabalho em grupo, ritmo, arranjo, harmonia e improvisação.

O canto coral é uma possibilidade de aprendizagem musical, conscientização sociocultural e corporal. Configura-se como uma prática musical exercida e difundida nas mais diferentes etnias e culturas. Por apresentar-se como um grupo de aprendizagem musical, desenvolvimento vocal, integração e inclusão social, o coro é um espaço constituído por diferentes relações interpessoais e de ensino-aprendizagem, exigindo do regente uma série de habilidades e competências referentes não somente ao preparo técnico musical, mas também à gestão e condução de um conjunto de pessoas que buscam motivação, aprendizagem e convivência em um grupo social. (AMATO, 2007, p. 75)

É também inclusão e integração de novos saberes artísticos e uma forma de descoberta de si próprio dentro de uma comunidade de prática musical, assim como possibilidades de aprendizagens sobre higiene vocal e notação musical, leitura rítmica. Essa prática pode ser o único contato direto com elementos musicais que alguns podem ter, sendo essa prática a única escola musical dos participantes. Essa perspectiva de aprendizagem se dá ao canto em conjunto, ou seja, pode-se dizer que as formas de aprendizagens são de relevância tanto para o canto coral quanto para o canto coletivo que mesmo parecidos possuem suas peculiaridades no desenrolar das atividades.

Por apresentar-se como um grupo de aprendizagem musical, desenvolvimento vocal, integração e inclusão social, o coro é um espaço constituído por diferentes relações interpessoais e de ensino aprendizagem, exigindo do regente uma série de habilidades e competências referentes não somente ao preparo técnico musical, mas também à gestão e condução de um conjunto de pessoas que buscam motivação, aprendizagem e convivência em um grupo social. (AMATO, 2007, p.75)

Conforme Amato, o canto coral na sua proposta de educação proporciona a descoberta e experimentação das seguintes ferramentas na construção do saber musical:

1. Inteligência vocal
2. Consciência respiratória e auditiva sobre o próprio aparelho fonador e respiratório e as funções que cada um exerce.
3. Prática de interpretação: Aprender sobre períodos e estilos musicais.
4. Apresentação de pesquisas e debates, desenvolvendo um senso crítico musical sobre estilos e conceitos musicais (AMATO, 2007, p.83).

O canto coral possui um valor muito grande para a educação. Segundo Junker, o canto e a educação musical andam unidos de uma forma que torna-se impossível separar um do outro. (JUNKER, 2010). Dessa forma, as vantagens do canto coral dentro da educação brasileira ocorrem por ser uma atividade coletiva e participativa ao extremo, em que a participação ativa do indivíduo é essencial para o desenvolvimento da atividade proposta. Cantar em conjunto é também uma forma de expressão coletiva e socialização e manifestação de emoções:

O canto por sua vez é um meio de extravasar os sentimentos, de expressar a alma. Ele é uma forma importante de realizar a comunicação no convívio entre pessoas. É o código que o ser humano criou para unir e transformar. “A prática do canto em conjunto se constitui, por si só, em um dos meios mais eficazes para se realizar a educação não apenas musical, mas também social” (JUNKER, 2010, p. 16).

Cantar em grupo, aprender novos elementos com os outros e suas experiências, trocar ideias, improvisar em grupo e outros, são práticas de aprendizagem coletiva em que o aprendizado vai se renovando a cada momento. A interação com o outro dá ao indivíduo a oportunidade de aprender, em conjunto, interesses comuns. Dessa forma, os membros de grupos vocais são também os facilitadores da aprendizagem pela prática e interações sociais.

O canto coral ou o canto coletivo são práticas musicais que ajudam no aprimoramento vocal como enfatizados anteriormente. O aprendizado coletivo seria o facilitador para a musicalização. Os espaços de vivência e práticas coletivas musicais deixam as pessoas sensíveis à música e a percepção musical. Tornar-se sensível à música é algo que pode ser desenvolvido e aprimorado ao longo do tempo. Pertencer a um trabalho dessa forma é um meio de musicalizar-se e aprimorar-se, sendo essa comunidade ou conjunto um coletivo de prática e aprendizagem. Sobre o que é musicalizar, Penna diz:

Musicalizar é desenvolver os instrumentos de percepção necessários para que o indivíduo possa ser sensível à música, aprendê-la, recebendo o material sonoro/musical como significativo. Pois nada é significativo no vazio, mas apenas quando relacionado e articulado ao quadro das experiências acumuladas, quando compatível com os esquemas de percepção desenvolvidos (PENNA, 2008, p. 33).

Cantar é desenvolver esse instrumento de percepção citado acima, fazendo da voz o recurso de aprimoramento sensorial e musical, sensível e significativo, ou seja, pode-se entender que cantar é, a um só tempo, meio e fim de aprendizagem musical. Na educação infantil, Willems apresenta uma proposta pedagógica de grande valorização do canto, na medida em que este é o ponto chave para iniciar os estudos musicais e o desenvolvimento sensorial e perceptivo. Para Willems, cantar é fundamental para desenvolver a musicalidade e a sensibilidade.

O canto desempenha o papel mais importante na educação musical dos principiantes. As canções constituem o que denomina de uma atividade sintética: agregando em torno da melodia, o ritmo e a harmonia subentendida; que são, portanto, meios sensíveis e eficazes

para desenvolver a musicalidade e a audição interior” (WILLEMS,1976,*apud*PAREJO, 2012,p.103).

Existem muitos meios de vivenciar e explorar a voz cantada, como por exemplo, com a ajuda de um professor particular numa aula de canto individual, ou estudando em alguma escola de música, grupo coral, canto coletivo e muitas outras formas. Nessa perspectiva de aprendizagem em grupo, além da voz, outros elementos musicais e artísticos, e também sociais, ocorrem. Estudar a voz, e também aprender música pelo próprio corpo, é essencial porque dessa forma podemos sentir a música em nós. Segundo Costa e Zanini, “a voz é uma expressão sonora absolutamente individual, podendo ser comparada a uma impressão digital” (COSTA e ZANINI, 2016, p.120). É importante destacar que cada voz leva consigo as suas diferenças, peculiaridades e características tanto anatômicas quanto de estilos e timbres que são pontos que distinguem as vozes umas das outras. Essas diferenças são importantes para um trabalho em grupo justamente pela pluralidade de timbres e classificações vocais que trazem um leque de possibilidades em aprendizagens tanto da fisiologia vocal, quanto da performance em grupo.

A voz é um meio de comunicação que proporciona a inter-relação entre as pessoas, acredita-se também que a voz é o nosso espelho, ela transmite as nossas emoções. Por meio da voz, pode-se identificar as sensações que são transmitidas no momento, tanto da voz falada quanto da voz cantada que são o reflexo do que está dentro de nós. Cantar é o reflexo do que a nossa voz pode fazer e transmitir, de acordo com Behlau, “cantar, emitir sons ou palavras que se sucedem através de modulações musicais da voz é, para o homem, utilizar-se do seu primeiro instrumento de comunicação como expressão artística sonora” (BEHLAU,2010,*apud* COSTA;ZANINI, p.120)

Dessa forma, o ato de cantar, além de ser um meio de comunicação direto é também a transmissão de nossas emoções por meio do nosso corpo. É por meio da voz também que a aprendizagem musical pode ser aprimorada e desenvolvida. No título a seguir, a aprendizagem tanto do canto quanto possibilidades em aprender música em grupo são abordadas em um projeto que tem como intenção, proporcionar a interação, a improvisação e a participação ativa no fazer musical e o aprender música pelo improviso.

1.1 “Canto Coletivo Improvisado”: ação de extensão e disciplina da graduação

Até o momento, vimos que a voz pode ser elemento fundamental no desenvolvimento musical. O canto coletivo, explorado de inúmeras formas, pode ser também uma possibilidade de prática pedagógico-musical enriquecedora para a aprendizagem e o desenvolvimento da percepção.

Uma forma de praticar essa concepção é a prática coletiva vocal que tem sido experimentada pela professora UlianaFerlim na Universidade de Brasília. Essa prática coletiva tem como foco a improvisação e criação musical utilizando a voz como instrumento e a professora a tem denominado de “Canto Coletivo Improvisado”, disponibilizando suas ações tanto na disciplina de graduação “Instrumento Suplementar Canto Popular”, que será aqui descrita, como em ação de extensão, aberta à comunidade, onde ela deu início a essas abordagens.

Composto por um grupo de pessoas que em conjunto improvisam tanto vocalmente quanto ritmicamente com a percussão corporal, os participantes, na disciplina são do curso de Música e de outros cursos que não possuem ligação direta com a música. Apesar de serem bem parecidos na execução, e tendo a voz como instrumento na produção sonora e artística, o canto coral e o “canto coletivo improvisado” são diferentes na dinâmica, podendo dizer até que na sua estrutura e formação também. Enquanto o canto coral tem um regente que conduz a execução de uma peça musical e com isso vai moldando a sonoridade da música, o “canto coletivo improvisado” possui uma proposta diferente do canto coral. Essa prática musical segue o conceito de improvisação e criação musical em que o desenrolar das atividades são conduzidas por um líder. No entanto, é aberto espaço aos participantes para experimentarem a liderança sem a necessidade de conhecimento formal prévio sobre música. Além de ser uma prática coletiva que possibilita a vivência musical e experimentação de sons vocais e corporais, o “canto coletivo improvisado” é também ferramenta de musicalização e expressão artística.

A ação de extensão coordenada pela professora UlianaFerlim, (que deu origem à abordagem que também foi posta em prática na disciplina) é fruto de vivências musicais com influências do trabalho de Bobby McFerrin. A improvisação desenvolvida sob a

influência do *jazz*, assim como o conhecimento do mundo popular e do erudito, contribuíram para que esse músico criasse as *Circlesongs*, prática musical assim denominada por ele. Segundo Ferlim, no ano de 1997, Bobby McFerrin criou um grupo vocal composto por 12 pessoas que denominou de *Voicestra*, que era um grupo de suporte para as ideias e criações espontâneas de McFerrin. As *Circlesongs* tornaram-se um *workshop*, tendo como facilitadores, alguns membros desse grupo, e ao mesmo tempo, pela regularidade de encontros, tornaram-se uma espécie de comunidade de prática internacional (FERLIM, 2015). Essa experiência musical vivenciada pela professora Uliana Ferlim no *workshop* do músico Bobby McFerrin em 2014, contribuiu para o canto coletivo que tem sido conduzido por ela na ação de extensão da Universidade de Brasília e que se estende, como prática, à disciplina de graduação.

Os objetivos específicos da ação de extensão “Canto Coletivo Improvisado (*Circlesongs*)” são:

- Realizar a exploração e conscientização das possibilidades sonoras da voz e do corpo.
- Praticar a improvisação vocal espontânea e coletivamente.
- Propiciar a vivência do canto coletivo para favorecer o desenvolvimento do controle da emissão vocal, de habilidades harmônicas e rítmicas.
- Promover a aprendizagem de padrões rítmicos para utilizá-los como referências para outras descobertas.
- Propiciar o desenvolvimento da capacidade de liderança dessas práticas musicais coletivas.
- Propiciar o desenvolvimento da realização de arranjos musicais improvisados.
- Promover discussões e reflexões sobre princípios e possibilidades de aprendizagem, a partir dessas experiências práticas. (FERLIM, 2016)

O “Canto Coletivo Improvisado (*Circlesongs*)” na Universidade de Brasília é também fruto da comunicação entre a professora Uliana Ferlim e Zuza Gonçalves, a quem conheceu no *workshop* de Bobby McFerrin, e que, segundo ela mesma afirma, tem colaborado com a inserção e a diversificação de práticas que colaboram com os princípios e fundamentos da integração das atividades musicais fundamentais, isto é, promovem e incentivam o fazer musical direto (Criar-apreciar-executar/tocar/cantar) e

auxiliam na sustentação de uma comunidade de prática (FERLIM, 2015). Um dos trabalhos que Zuza Gonçalves atua é o que o mesmo chama de “Música do Círculo”, que é o resultado do encontro de Zuza Gonçalves, Pedro Consorte e Ronaldo Crispim, com suas abordagens pessoais, para criar música coletivamente sempre levando em conta a qualidade das relações em grupo. Percussão Corporal, Cantos Circulares (*circlesongs*), Jogos Musicais Cooperativos, Improvisação, Comunicação Não-Violenta, Corpo, Movimento, Pedagogia da Cooperação, são algumas das abordagens que eles se utilizam nos eventos que organizam.¹

Essas práticas vocais utilizadas por esses trabalhos descritos acima são ricas em vários elementos como criação, improvisação, trabalho em grupo, percepção rítmica e melódica, harmonia, arranjo vocal. Um dos fundamentos para essas práticas é a aproximação com os métodos ativos em música, que foram referências de práticas pedagógico-musicais de músicos e educadores de início emeados do século XX, como Dalcroze (1865-1950), Kodály (1882-1967), Willems (1890-1978), Orff (1895-1982). Porém, o que chama a atenção sobre as *circlesongs* é a descentralização do comando e a colaboração, pois para liderar e participar deste tipo de prática não se faz necessário ser músico profissional, e o foco está em justamente em aprender música de forma coletiva, na prática, e poder misturar os indivíduos entre seus diversos níveis de habilidades. No entanto, ser um músico profissional pode ajudar a destacar várias características e dar saídas diferenciadas para o grupo.

O que julgo interessante nessa prática, e aqui trago a observação participante que realizei em aula, é justamente a junção de diferentes elementos em uma atividade só. São criados muitos arranjos vocais e ritmos com a interação dos participantes. Dentro dessas práticas coletivas e colaborativas os participantes não possuem um conteúdo específico e também não tem um roteiro de assuntos a serem ensinados e aprendidos. Isso não quer dizer que não exista um planejamento, mas é tudo muito maleável. Tudo acontece na prática, e dessa forma, a teoria musical também é abordada, intrinsecamente, e também, com discussões acerca da prática, que acontecem após um fluxo imersivo que dura aproximadamente uma hora.

¹Zuza Gonçalves, formado em Composição e Regência pela Unesp. Participa do *workshop* de Bobby McFerrin pelo menos há 2 anos como professor convidado. Tem organizado, junto a dois outros colegas que trazem contribuições na área da Pedagogia da Cooperação (Ronaldo Crispim) e Artes do corpo e Comunicação Não Violenta (Pedro Consorte), dentre outras, o que eles têm chamado de “Música do Círculo”, eventos de imersão em atividades musicais, corporais e comunicativas. Para maiores informações, ver: <<https://www.musicadocirculo.com/>> Acesso em novembro de 2017.

Algumas diferenças podem ser observadas quando da realização prática dessas ações do “canto coletivo improvisado” em aula e no *locus* da ação de extensão propriamente dita, no entanto o objetivo não será debruçar-se sobre essas diferenças nesse trabalho. De modo que a descrição realizada nesse trabalho se aplica à disciplina de graduação, e este foi o objeto da minha observação. As *circlesongs*, desta forma adaptadas e reelaboradas, são objeto de prática e pesquisa da professora que busca avançar nos processos de realização e fundamentações gerando aprendizagem e expressão musical por meio da voz.

1.2 Comunidades de Prática

A aprendizagem situada, conceito elaborado por Lave e Wenger, ocorre no contato com o outro, em grupos, não sob uma perspectiva individual, mas coletiva. Jean Lave, uma antropóloga social com forte interesse na teoria social da aprendizagem, em parceria com Etienne Wenger, professor universitário e, hoje em dia, consultor de desenvolvimento de comunidades de prática, desenvolveram os conceitos de Aprendizagem Situada e Comunidades de Prática. Eles escreveram sobre a aprendizagem coletiva e explicam o que são as comunidades de prática, o que iremos descrever abaixo.

A aprendizagem, na visão da teoria da aprendizagem situada, é entendida como uma atividade ligada ao contexto e que possui como característica fundamental um processo denominado participação periférica legitimada (LAVE; WENGER, 1991). Aprender música nesse contexto é aprender na prática o que a música tem a nos ensinar como expressão. Conforme Andrade, compreender a aprendizagem dessa forma é entender também que a “aprendizagem ocorre independentemente de um sistema estruturado e sistematizado de ensino, tendo a figura de alguém mais experiente” (ANDRADE, 2011, p.33). Entender esse conceito é reconhecer que quem ensina não é o único detentor do conhecimento, mas torna-se o facilitador para o compartilhamento de ideias, abrindo aos aprendizes a oportunidade de socializar e apresentar suas ideias e conhecimentos para a construção do saber coletivo.

Esse saber coletivo é adquirido pela prática, os sujeitos envolvidos na aprendizagem situada não são apenas receptores de informações, mas também, agentes criadores e colaboradores do conhecimento que é construído e aprendido ao longo do tempo. Andrade, sob a perspectiva dos conceitos de Lave e Wenger, destaca que “a

aprendizagem não está meramente situada na prática, ela é parte desta. Neste sentido, sempre que fazemos, aprendemos. A partir dessa perspectiva, o aprendizado no coral estaria ligado à prática, ou seja, às atividades relacionadas ao canto em grupo” (ANDRADE, 2011, p.34).

Vivenciar atividades em grupo e aprender em grupo é uma forma de aprendizagem e isso pode ser compreendido por uma estrutura denominada “comunidades de prática”. Esse conceito traz consigo, intrinsecamente, a aprendizagem situada, sendo uma forma de visualizá-la, praticamente.

As comunidades de prática são formadas por pessoas que se envolvem em um processo de aprendizagem coletivo em um domínio compartilhado de empreendimento humano: uma tribo que aprende a sobreviver, uma banda de artistas que procuram novas formas de expressão, um grupo de engenheiros que trabalham em problemas semelhantes, um grupo de alunos que define sua identidade na escola, uma rede de cirurgiões que exploram novas técnicas, um encontro de gerentes que se reúnem pela primeira vez para cooperarem. Em poucas palavras: Comunidades de prática são grupos de pessoas que compartilham uma preocupação ou uma paixão por algo que eles fazem e aprendem a fazê-lo melhor porque eles interagem regularmente. (WENGER, c.2007, *apud* SMITH, M.K. 2003, 2009)
Tradução do autor.

As comunidades de prática são, como descritas por Lave e Wenger, grupos que compartilham determinadas preocupações ou paixão por fazer algo, e a participação é a forma mais plausível e evidente da aprendizagem, porque as pessoas aprendem no compartilhamento das ideias e na necessidade de saciar seus objetivos e as práticas regulares são o aprendizado em movimento. Cantar em conjunto, quer seja em uma prática de “canto coletivo improvisado” ou canto coral, é observar que os atuantes desses grupos têm interesses comuns, como por exemplo: aprender a ter uma respiração melhor ao cantar, afinar, perder a vergonha do público e assim, trabalhar a timidez e a potência vocal. Pode acontecer também de não ter um interesse especificado, mas ter algo que é comum entre todos no grupo, que seria cantar. Em outras palavras, cantar pode significar variadas coisas.

2. OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é entender como o “canto coletivo improvisado” consegue abordar os conceitos musicais na perspectiva dos participantes. Assim, nesse trabalho procura-se entender como as pessoas envolvidas nesse contexto de aula encaram a vivência musical por meio da voz e que conceitos vão construindo. A disciplina “Instrumento Suplementar Canto Popular” oferece uma estrutura de participação em que os sujeitos interagem imersivamente colaborando para o aprendizado coletivo em que os protagonistas dessa prática são pessoas que não necessariamente tem conhecimento musical formal.

Esse trabalho busca entender também, como a prática em questão pode contribuir com outros fatores que estão além dos elementos diretos da teoria musical e do canto. A socialização e coletividade são elementos intrínsecos à prática e busca-se entender como esse conjunto de fatores são percebidos e considerados, em algum nível, a partir do ponto de vista dos participantes.

3. RODA DE CONVERSA COM OS PARTICIPANTES

A forma de desenvolver esse trabalho foi a realização da roda de conversa e da observação participante. Estas formas trazem o caráter qualitativo para o primeiro plano, em que a investigação segue por meio de perguntas simples sem análise de dados numéricos e estatísticos.

A pesquisa com caráter qualitativo não se preocupa com a representatividade numérica, mas sim com a compreensão de um dado social investigado. Preocupa-se com aspectos da realidade que não são necessariamente quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (GERHARDT, SILVEIRA, 2009).

A pesquisa é direcionada a um grupo em que o entrevistador procura entender as justificativas dos participantes por meio de perguntas que envolvem suas próprias experiências e também questionamentos, procurando entender o ponto de vista deles. Baseado nessa conversa, interpreta-se as informações obtidas. Segundo os autores:

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão

das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis. (GERHARDT, SILVEIRA, 2009, p.32).

Esse trabalho traz uma experiência de pesquisa em que os parâmetros de coleta de dados qualitativos foram perseguidos, por meio de entrevista em grupo, balizados pela observação participante do autor, que esteve vivenciando ao lado dos estudantes as aulas da disciplina da graduação, e por uma breve revisão de literatura. Foram realizadas duas visitas à aula da professora para a coleta de dados e a realização de uma roda de conversa com os participantes.

3.1 Processo de entrevista com o grupo de canto coletivo

A entrevista foi realizada com um grupo de alunos da Universidade de Brasília matriculados na disciplina “Instrumento Suplementar Canto Popular”, do Departamento de Música. Trata-se de uma disciplina sem pré-requisitos e que tem como objetivos o ensino do canto por meio da improvisação e produção musical com voz e corpo, buscando promover a prática musical coletiva e proporcionar aos participantes diversas vivências musicais.

Foram entrevistadas um total de 5 pessoas de faculdades diferentes que compõem a disciplina. Dentre essas, apenas duas das pessoas entrevistadas possuem algum conhecimento musical formal, uma sendo do curso de música e a outra, embora não sendo do curso de música, sabe tocar alguns instrumentos musicais e compreende alguns temas de teoria musical.

A entrevista teve duração de 30 minutos e os envolvidos na entrevista colocaram seus pontos de vista sobre elementos musicais e também sobre as vivências adquiridas no decorrer das aulas. Eles responderam a perguntas sobre aprendizagem musical, desafios e conquistas nas aulas de canto. As perguntas possuem cunho investigativo e procuram entender não apenas como o canto coletivo tem sido uma prática possível na aprendizagem de elementos básicos da teoria musical, mas também, o que se tem aprendido de forma mais ampla, para além do canto objetivamente e tradicionalmente conceituado. Muitos temas foram levantados na entrevista e serão destacadas as falas que foram julgadas mais relevantes de acordo com as informações coletadas.

No decorrer de algumas aulas de canto, pude observar e participar da vivência musical que a aula proporciona e que os próprios participantes conduzem juntamente com as orientações da regente desta atividade. Os encontros são realizados todas as sextas-feiras no Departamento de Música da Universidade de Brasília. Pude formular questões baseadas nas informações obtidas das observações das aulas que participei e pelas falas dos alunos nos seus comentários no momento reflexivo ao final da aula.

Esse momento reflexivo é conduzido pela professora que proporciona uma roda de observação sobre a proposta da aula vivenciada no dia e as impressões adquiridas das vivências assim como as facilidades e dificuldades encontradas nas atividades. Esse momento de reflexão é uma postura relevante na educação, porque o aluno é imerso a aprendizagem de forma reflexiva, ou seja, a prática nos leva a reflexão das atividades para que o participante tenha uma vivência e compreensão do que é realizado. Como observador participante, relato que a prática geralmente tem como início um aquecimento vocal em que são explorados os sons vocais de diversas formas, trabalhando respiração, postura, sons graves, médios e agudos, assim como, movimentos corporais para relaxamento e dos músculos da face e todos os músculos ao longo do corpo. Esse aquecimento dura em torno de 10 a 15 minutos, os exercícios de aquecimento corporal são realizados em roda e busca-se interação com os outros e a percepção do outro como uma parte importante das atividades e espírito de coletividade.

Partindo do aquecimento, a professora apresenta um motivo musical que pode ser apenas rítmico ou melódico em que a partir dessa ideia, os participantes começam a improvisar e buscar elementos vocais que se encaixem dentro da primeira proposta fazendo com que a roda vire um grande grupo de improvisos vocais e rítmicos. Pude observar também, no decorrer da minha participação, atividades em que vários grupos em círculos menores improvisavam melodias e ritmos baseados no motivo inicial e, aos poucos, ganhavam as próprias formas em um grupo harmônico e melódico.

A aula de canto coletivo tem uma duração de aproximadamente 1 hora e 30 minutos e para o desenvolvimento desse trabalho, foram cedidos em torno de 30 minutos para a realização da entrevista com o grupo de alunos. As experiências relatadas pelos participantes foram gravadas, mas não foram colhidos seus nomes reais para preservação da identidade dos participantes. Para a identificação dos participantes, foram acrescentadas as características físicas ou até mesmo o curso do entrevistado para melhor identificação das respostas obtidas no lugar de seus nomes.

4. A RODA DE CONVERSA

4.1 Os objetivos iniciais dos entrevistados

A partir das respostas dos participantes entrevistados, é observada a perspectiva de aprendizagem e desenvolvimento sobre diversos assuntos além do canto. Em grande maioria (assim como para muitos desta edição da disciplina), os entrevistados já tinham uma ideia do que seriam as aulas em “Instrumento Suplementar Canto Popular” em que são vivenciadas as práticas de “Canto Coletivo Improvisado” porque vieram a partir de relatos de outros que participaram.

Os objetivos identificados são de comum acordo aos participantes conforme alguns dizem:

“Para mim que não sou da música é um exercício para sair da zona de conforto e estimular a criatividade, pra que eu possa relaxar também. Acredito que seja isso mesmo, além de poder conhecer pessoas de outros departamentos que eu não conheço.” – (Pífaro)

“Para mim, era pra começar a me soltar mais, porque eu sou muito retraída e sou muito tímida. Quando eu me matriculei na matéria era mais pra perder a timidez mesmo e estimular mais a criatividade, ainda mais pra mim que não sou da música, sou da área da saúde e lá a gente não tem muito essas práticas de roda, tem, mas não tem tanta interatividade.” – (Mulher de Tranças)

“Bom, então, eu também não sou da música, sou da química, mas sou músico também, eu toco violão e guitarra e peguei algumas matérias com o professor Alessandro de introdução ao violão bem legal. Mesmo eu sendo da química ele me deixou fazer a matéria, mas esse semestre eu experimentei vir para o lado do canto. Uma das coisas que eu comentei com a professora desde o início da matéria é que por eu tocar também, essa questão de estimular a criatividade e a improvisação e tal, sempre foram coisas que tive receio de fazer, mas isso me aguçou os sentidos.” - (Química)

Os entrevistados ressaltam que a música é uma ferramenta importante na criatividade. Para eles, cantar é importante para perder a timidez e também uma forma de socialização entre os cursos dentro da universidade, propagando assim a diversidade e tendo a oportunidade de explorar mais a voz cantada e conhecer mais sobre a música e seu aparelho fonador.

4.2 Os conceitos musicais

Segundo os entrevistados, a assimilação de conceitos musicais se dá por meio da prática, reconhecendo os elementos musicais nos exercícios práticos e logo em seguida vendo essas questões teóricas que foram vivenciadas, a compreensão musical se dá quando o aluno está totalmente envolvido com a atividade da qual participa.

“Eu acho que aqui tem muito essa coisa da gente aprender, escutar primeiro e entender na prática o que as outras vozes estão falando (Cantado) e a gente tentar cantar no mesmo tom”. (Pífaró)

Segundo o entrevistado que toca pífaró, ele acredita que primeiramente é importante ouvir os outros e entender o que o outro tem improvisado. Dessa forma, a experimentação da percepção vem ao encontro das suas palavras quando o mesmo diz sobre a condução das vozes cantadas e, por meio dessa percepção, entender o tom e se encaixar na proposta apresentada. Para o entrevistado, existe uma hierarquia no processo de aprendizagem. Isso pode ser encontrado nessa concepção de Willems:

Ouvir (*ouir*) designa a função sensorial do órgão auditivo, escutar (*écouter*), a reação emotiva que se segue ao impacto sonoro exterior e entender (*entendre*) se refere à tomada de consciência dos sons que tocaram o ouvido, de forma ativa e reflexiva (compreensão)” (WILLEMS *apud* PAREJO, 2012, p.97).

O que foi destacado nas palavras de Willems, citado por Parejo, é muito próxima a argumentação exposta a seguir de um dos entrevistados, quando diz sobre a percepção do outro em primeiramente ouvir como ponto de partida, porque segundo os

conceitos de Willems, “ouvir” é a forma como as informações são percebidas, e “escutar” seria a assimilação ou reflexão sobre o que foi ouvido, ou seja, a sua conscientização sobre o assunto:

“Eu acho que a professora vai de uma forma bem leve, hoje mesmo ela estava falando da composição de acordes, ela não vai direto ao ponto, mesmo eu sendo bem leigo em teoria musical, por ter aprendido sozinho e por ter estudado alguma coisa, eu sei um pouquinho, e eu vi que hoje, ela falou da composição de acordes e sua formação com notas diferentes, mas que juntas possuem uma ligação e formação sonora harmônica.” – (Química)

Para o entrevistado do curso de Química, a teoria musical é presente intrinsecamente de forma simples, e com isso, a professora segundo o mesmo, procura meios que sejam facilitadores no entendimento para que todos da turma possam entender esses elementos de teoria, como esse exemplo da composição de um acorde em uma das atividades realizadas em sala.

Ela (professora) passa primeiro uma parte prática pra gente fazer, a gente aprende na prática o que é, e depois de feito o exercício, ela vai explicando de uma forma que todo mundo entenda o conceito teórico principalmente pra quem não é da música. – (Mulher de Tranças)

De acordo com a entrevistada “Mulher de tranças”, a prática é a forma mais clara de aprendizagem e os conceitos teóricos são entendidos logo após a vivência ou até mesmo no decorrer das práticas musicais. Essa declaração vem ao encontro dos objetivos dos métodos ativos que tem como foco a prática e a vivência da música em primeiro plano. Segundo Figueiredo:

A experiência direta com a música a partir da vivência de diversos elementos musicais é o que caracteriza os métodos ativos de educação musical. Nesta perspectiva, o aluno participa ativamente dos processos musicais desenvolvidos em sala de aula, processos estes que oportunizam o contato com várias dimensões do fazer musical. Com essas abordagens, evita-se o foco na teoria musical e nos exercícios descontextualizados, que muitas vezes, desestimulam a aprendizagem

musical exatamente porque não são reconhecidos como experiências musicais válidas. (FIGUEIREDO, 2012, p.85)

Os depoimentos a seguir dão uma dimensão destes valores presentes na ação:

“Existe a possibilidade de fazer acordes com a voz e ouvir as dissonâncias que também surgem nos exercícios.” – (Mulher Loira)

“Eu acho que muitos dos aprendizados a gente não percebe, mas a gente trabalha diferentes conceitos aqui em sala de aula de uma maneira muito natural. Então assim, frequentemente, estamos trabalhando vários aspectos como a própria respiração, a colocação vocal, a improvisação, e também a coragem em colocar a cara pra jogo, que é uma coisa que nós aprendemos aqui no Departamento de Música.” – (Músico)

Já para o entrevistado que é músico o aprendizado acontece de forma natural. Para o “Músico”, a colocação vocal e respiração são pontos vocais que são destacados nas aulas, assim como a improvisação. Pude perceber, na minha observação participante, que a improvisação é um recurso que acontece baseado na vivência musical do momento em que os estudantes estimulam a sua criatividade. Eles compõem e experimentam os sons por meio da voz, tendo como base os elementos harmônicos que surgem quando a professora se utiliza da estrutura das *Circlesongs* para criar um todo musical, uma composição de estrutura circular.

4.3 O canto em grupo e coletividade no fazer musical

De acordo com os entrevistados, cantar em grupo é enriquecedor, mas traz consigo algumas dificuldades também. O coletivo é importante para os entrevistados, mas alguns aspectos como a timidez atrapalham na execução das atividades e, ao mesmo tempo, podem ser encarados como desafios.

“Cantar em grupo é diferente né? Eu já canto em grupo e já tem um tempo e sempre gostei muito de cantar em grupo, por causa da

possibilidade de fazer vários acordes vocais em conjunto, e também trabalhar com dissonâncias”. (Mulher Loira).

“Eu acho uma das experiências mais enriquecedoras, quando têm pessoas diferentes fazendo coisas diferentes, isso é incrível de perceber, os lugares que a gente pode chegar fazendo coisas bem tradicionais tonais, mas é possível também fazer coisas superdissonantes em grupo.” (Músico)

“No início foi bem complicado, porque é preciso conhecer a turma, saber as peculiaridades de cada um e se identificar com o grupo, às vezes a gente fica naquela pressão de: O que eu posso oferecer ao grupo? Mas agora eu percebo que a galera tá bem mais solta. E agora, é entender que a proposta é justamente essa, aprender coletivamente, respeitando a individualidade”. (Química).

“Acho que no início o problema de cantar em grupo foi a timidez, acredito que de toda a turma. A gente percebe como era no início e agora mais pro final do semestre tá todo mundo mais leve, acho que o maior problema de cantar em grupo seria a timidez mesmo, ainda mais quando são grupos em que você não conhece as pessoas.”

(Mulher de tranças).

Pelo relato do entrevistado estudante de química, aprender em conjunto exige a percepção do todo, ou seja, do grupo e não apenas da sua individualidade. Conforme Andrade, “ao longo da convivência e interação entre os participantes, os significados, os códigos de conduta, as formas de proceder são estabelecidas, ainda que não conscientemente ou estruturadamente.” (ANDRADE, 2011, p.37).

O entrevistado entende ainda que, a contribuição ao grupo é essencial, mesmo quando não se sabe como ajudar. Essas palavras retomam os conceitos de comunidade de prática. Observando o grupo, percebem-se seus elementos, o domínio, a comunidade e a prática:

O domínio: uma comunidade de prática é algo mais do que um clube de amigos ou uma rede de conexões entre pessoas. Tem uma identidade definida por um domínio compartilhado de interesse. A adesão implica, portanto, um compromisso com o domínio e, portanto,

uma competência compartilhada que distingue os membros. A comunidade: Ao perseguir seu interesse em seu domínio, os membros se envolvem em atividades e discussões conjuntas, se ajudam e compartilham informações. Eles criam relacionamentos que lhes permitem aprender um do outro. A prática: Os membros de uma comunidade de prática são praticantes. Eles desenvolvem um repertório compartilhado de recursos: experiências, histórias, ferramentas, formas de abordar problemas. (SMITH, 2003,2009)
Tradução do autor.

As aulas de “canto coletivo improvisado (*Circlesongs*)” que são desenvolvidas na disciplina “Instrumento Suplementar Canto Popular” têm como influências práticas as abordagens das *circlesongs* criadas por Bobby McFerrin, assim como do grupo “Música do Círculo”, desde São Paulo. Os conceitos compartilhados são os tradicionalmente identificados como musicais, mas também a perspectiva das comunidades de prática, com o compartilhamento de modos de fazer, ideias e interesses, as informações seguem um fluxo permanentemente aberto às criações. As dificuldades que são superadas em conjunto e o desenvolvimento de práticas coletivas que proporcionam a aprendizagem em grupo fortalecem a perspectiva de coletividade e aprendizagem em grupo, no âmbito dos indivíduos e no âmbito dessas comunidades que se comunicam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi uma breve investigação sobre a voz como instrumento de aprendizagem musical em práticas coletivas. A entrevista realizada e a bibliografia levantada trouxeram um entendimento sobre como a voz é uma ferramenta na aprendizagem musical e que auxilia na aprendizagem de outros elementos, além da conscientização corporal e inúmeras outras possibilidades para a aprendizagem coletiva. A voz é compreendida, em algum nível, como um instrumento de descobertas para desinibição, criação vocal e socialização em uma comunidade de prática.

Acerca das considerações sobre a teoria musical, pode-se afirmar que mesmo a teoria musical não sendo o objetivo do grupo de canto coletivo improvisado, entende-se, pela fala dos entrevistados, que existe uma possibilidade de aprendizagem de elementos teóricos por meio da prática musical coletiva. Percebe-se que elementos como ritmo, duração, melodia, percepção, criação musical, criatividade, harmonia vocal, improvisações e técnica vocal são pontos apresentados pelos estudantes como elementos significativos vivenciados e que auxiliaram na aprendizagem coletiva desse grupo.

A colaboração e a socialização, assim como, questões que envolvem o comportamento emocional ao cantar em público foram assuntos que os entrevistados trouxeram sobre o aprendizado coletivo. A percepção do próprio crescimento enquanto indivíduo e o crescimento do grupo é perceptível pela forma como a interação entre os participantes durante as aulas ajuda na improvisação. Os entrevistados afirmam a percepção uns dos outros e demonstram entender que a coletividade nesse contexto também possibilita e enriquece o crescimento individual.

Dessa forma, esse trabalho trouxe brevemente pontos que discorrem sobre como a prática coletiva é fundamental tanto no contexto de sala de aula, quanto em outros contextos de aprendizagem musical. Sendo assim, a vivência em grupo é uma forma de aprendizado que cabe ser mais explorada na educação musical.

Percebe-se assim que a prática é essencial e entender como os conceitos podem ser mais aprofundados e melhor apropriados pelos praticantes pode ser objeto de pesquisas futuras que podem contribuir para o desenvolvimento das práticas de aprender e ensinar. O “canto coletivo improvisado” também trouxe como benefício a interação entre os estudantes da Universidade de Brasília e a prática musical por pessoas que não possuíam nenhum conhecimento vocal e musical formal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Lucila Prestes de Souza. Aprendizagem musical no canto coral: interações entre jovens em uma comunidade de prática. Dissertação de mestrado. Florianópolis: UDESC, 2011.

BRITO, Juliana da Conceição ;SOUZA, Elizeu Arruda de. O uso da música em uma experiência didática no ensino de literatura. Revista de Letras JUÇARA, Caxias – Maranhão, v. 01, n. 01, p. 126 – 143, Jul. 2017.

COSTA, Wanderson Moura; ZANINI, Claudia Regina de Oliveira. Canto e Teoria da complexidade: considerações acerca do pensamento complexo relacionadas ao aprendizado do canto. Revista da ABEM, 2016.

FERLIM, Uliana Dias C. Circlesongs: uma abordagem de prática musical criativa e colaborativa. In *Anais... XXII Encontro Nacional da ABEM*, Natal, RN, 2015.

FERLIM, Uliana Dias C. Canto coletivo improvisado (*Circlesongs*) 2016_2. Proposta de ação de extensão, Decanato de Extensão, UnB, 2016.

FUCCI AMATO, Rita. O canto coral como prática sociocultural e educativo-musical. *Opus*, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 75-96, jun. 2007.

FUCCI AMATO, Rita de Cássia. Música e políticas socioculturais: a contribuição do canto coral para a inclusão social. *Opus*, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 91-109, jun. 2009.

GOULART, Diana. A Improvisação na Educação Musical. 2000. Disponível em <<https://www.dianagoulart.com.br/improvisacao-na-educacao-musical>> Acesso em 17 de novembro de 2017.

GERHARDT, Tatiana Engel, SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de pesquisa. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

JUNKER, David. Panoramas da regência coral: Coro sinfônico comunitário da UnB: Uma história de vozes e vida. Brasília: Escritório de Histórias, 2010.

LECK, Henry; JORDAN, Flossie. *Creating Artistry Through Choral Excellence*. Wilwaukee: Ed. Hal Leonard, 2009.

MOLINA, Sérgio. A canção popular e o ensino de música no Brasil. *Revista Música na Educação Básica*, vol. 5, n. 5, 2013.

PAREJO, Enny. Edgar Willems – Um pioneiro da educação musical, em MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Org.). *Pedagogias em educação musical*. Curitiba: InterSaberes, 2012.

PENNA, Maura .Apre(e)ndendo músicas: na vida e nas escolas. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 9, 71-79, set. 2003.

PENNA, Maura. Música e seu Ensino. Porto alegre: Sulina, 2010.

SCHMELING, Agnes; TEIXEIRA, Lúcia. Explorando possibilidades vocais: da fala ao canto. *Música na educação básica*. Porto Alegre, v. 2, n. 2, setembro de 2010.

SMITH, M. K. (2003, 2009) '*Jean Lave, Etienne Wenger and communities of practice*', *The encyclopedia of informal education*. Disponível em <<http://infed.org/mobi/jean-lave-etienne-wenger-and-communities-of-practice/>> Acesso em nov. 2017

ANEXO**Roteiro da entrevista com grupo**

1. Qual o seu objetivo ao participar da aula? Quais seus objetivos iniciais? (Conhecimentos anteriores?)
2. Que tipos de conhecimentos musicais você acha que está desenvolvendo?
3. Como tem sido a sua assimilação de conceitos musicais (melodia, ritmo, harmonia, improvisação, canto)?
4. Como é para você cantar nessa aula? Individualmente? E coletivamente?
5. Quais as maiores dificuldades em cantar em conjunto? Existe alguma dificuldade?
6. Como tem sido, para você, trabalhar o improviso musical utilizando a voz e o corpo como ferramenta de produção sonora?
7. Como o improviso na aula tem ajudado na sua percepção vocal e/ou musical?
8. Como foi a sua experiência musical na primeira aula e como tem sido nas últimas aulas? Percebeu alguma mudança ou aprendizado? Que tipo de mudança? Que tipo de aprendizado? Pode descrever alguma situação?
9. Quais você considera que são os seus maiores aprendizados nessa aula?